

Debate sobre Direitos Humanos

NO ÂMBITO do programa da XII Semana Cultural da Universidade de Coimbra, cujo tema é “Causa Pública – O Público e o Mediático”, a licenciatura de Serviço Social da Faculdade de Psicologia e de Ciências de Educação (FPCE-UC) irá desenvolver neste dia, com o apoio do Grupo de Voluntariado Qualificado, um conjunto de actividades abertas à comunidade. A partir das 14H30, pode ser vista a mostra virtual de fotografia de Pedro Medeiros sobre o tema “As faces (in)visíveis da Pobreza” seguida de um pequeno debate com o autor na sala 4.1.

Às 16H30, tem início a conferência-debate sobre os “Direitos Humanos no Mundo” com a participação da Amnistia Internacional Portugal e da AMI – Porta Amiga de Coimbra. A sessão tem lugar no anfiteatro da FPCE-UC. As duas iniciativas servirão para divulgar o II Curso de Preparação pa-



ra o Voluntariado Universitário da FPCE-UC, com início a 12 de Março e que termina a 10 de Abril, contando com a presença de formadores internos e externos altamente qualificados.

Estas iniciativas enquadram-se, igualmente, no plano de actividades da Licenciatura em Serviço Social da FPCEUC consentâneas com a comemoração do Ano Europeu da Luta contra a Pobreza e a Exclusão Social.

Um músico que abriu “c

Veio de uma pura formação clássica, fez escola no jazz e comprometeu-se entretanto como intérprete de excepção, professor e estudioso do fenómeno musical regressou, 12 anos

► Lídia Pereira

Com a edição, voltaram os concertos e, com eles, a “intensa afectividade” de uma “abstracção” chamada público que se tem transformado em pessoas que “dizem coisas inesquecíveis”. A confessar-se nesse “prazer físico e mental de tocar piano”, António Pinho Vargas prepara-se para regressar a um palco onde, nos idos anos 70, deixou marcas importantes de um caminho que começava a fazer-se e se revelou decisivo para a música portuguesa.

O concerto que assinala esta noite, às 21H30, no Teatro Académico de Gil Vicente (TAGV), os 72 anos da Universidade de Coimbra (UC) anuncia-se, assim, como a oportunidade única de um reencontro que já apetecia. Ao piano, de novo, com alguns dos temas que fazem a história da música portuguesa dos últimos 30 anos - “Dança dos pássaros”, “As mãos”, “Tom Waits”, “Quedas d’água (Com lágrimas)”, “Cantiga para amigos”, “Dinky toys” -, António Pinho Vargas assume-se como um caminhar de caminhos novos.

Em entrevista ao DIÁRIO AS BEIRAS, o compositor e intérprete que hoje se relaciona com Coimbra também através da investigação – no Centro de Estudos Sociais – e do ensino – na Licenciatura em Estudos Artísticos da FLUC - confessou desconhecer ainda a explicação cabal para o sucesso a muitos títulos “improvável” que a sua música conheceu sobretudo nas décadas de 80 e 90. Então, além das salas cheias em espectáculos que, supostamente, não estavam



destinados a isso, o sucesso estendeu-se ainda aos discos, “que venderam mais dos que eles [eles, editores] estavam à espera”.

E foi isso mesmo que lhe confessaram, especia-

listas, alguns anos mais tarde, a propósito da música “Dança dos pássaros” e do “fenómeno sem explicação” de ter sido

power play em 1985, “contrariando tudo o que estava nos livros...”. E o músico, o criador, tem explicação? “Na altura, eu não tinha. Mais tarde comecei a ouvir coisas, opiniões, dentro e fora do país, que me diziam que a minha música tinha qualquer coisa... alguma coisa portuguesa...”, reconheceu.

Era, portanto, “uma marca”. Uma marca peculiar da cultura portuguesa no seu todo que, provavelmente, “de alguma maneira se manifesta nas minhas músicas ou em boa parte delas”, disse António Pinho Vargas, adiantando aquela que pode ser uma “explicação”.

Heterodoxia assumida

Assumindo a heterodoxia que o levou – com o seu grupo (o quarteto com José Nogueira, Pedro Barreiros e Mário Barreiros) – a contrariar “a visão muito estreita do jazz”, que dominava em Portugal, António Pinho Vargas referiu com especial ênfase a “admiração” que encontrou desde logo em muitos dos companheiros de palco – o José Eduardo (com quem fez um duo de contrabaixo durante o final dos anos 80) e o Rão Kyao (com quem tocou desde 1976 até 1983).

“O que eu tinha feito despertou o interesse dos meus colegas músicos e isso foi decisivo”, disse Pinho Vargas, prosseguindo: “nessa altura pensei que a música devia ter, de facto, qualquer coisa. Permitiu-me ganhar alguma auto-confiança. Porque o criador, antes de tudo, tem dúvidas, tem sempre dúvidas. Logo, importa ter a consciência do que a nossa música provo-

DIFERENÇAS JOSÉ MONTEIRO

“Caminhos novos”

com a música contemporânea. António Pinho Vargas, compositor dos depois, à edição.

ca, não apenas no público, mas também nos que são nossos parceiros na criação”.

E foi dessa forma que António Pinho Vargas trouxe um filão novo ao jazz, com raízes profundas nos clássicos e numa experiência “fundadora” e assumida, precisamente por ter sido “a primeira”. Lembrando a participação no festival que Luís Villas-Boas organizou na Figueira da Foz (em 1976 ou 77) e onde aquele que era “o papa do jazz português” elogiou o concerto – “só para ouvir isto valeu a pena organizar este festival...” –, ainda que não tenha deixado de aconselhar a “audição” dos clássicos americanos (!), Pinho Vargas recordou um outro factor determinante para o sucesso do tal caminho novo: “nós vivíamos todos



“O projecto de gravar um disco a solo com grande parte das músicas compostas para os meus grupos de jazz de 1976 a meados dos anos 90 já era antigo. O David Ferreira insistia comigo há vários anos mas por várias razões só em Dezembro de 2007 as gravações no CCB tiveram lugar. Neste concerto, irei talvez concentrar-me mais nas músicas do II volume mas sem perder de vista que a ideia era, e sempre foi, registar num todo, um testemunho de cerca de trinta anos de actividade musical”.

no Porto...” e isso, por menos provável que parecesse, “levou à possibilidade de apurar uma identidade colectiva, do grupo, e minha também, enquanto compositor”.

Aberta a “porta”, o caminho ficou livre e outros projectos fundamentais se foram afirmando: o de Mário Laginha, de Bernardo Sasseti, de João Paulo. “O facto é que a existência de cada um destes três pianistas e excelentes músicos, que eu admiro, teve em conta aquilo que já tinha sido feito e que se passou comigo. Cada um, ao procurar vias para si próprio, terá sido confrontado com os fenómenos inexplicáveis que aconteceram com a minha música. E agora, o panorama é mais rico, mais plural, mais inventivo”, disse António Pinho Vargas.

Celebrar os 720 anos da Universidade

Desde há uma dúzia de anos, a Universidade de Coimbra decidiu iniciar uma forma nova de assinalar a sua história centenária: o dia fundador – 1 de Março – serviu igualmente para lançar uma semana em que pudesse mostrar-se a riqueza e diversidade cultural de toda uma academia.

A partir de hoje, a XII Semana Cultural da Universidade de Coimbra irá desenrolar-se em inúmeros eventos e propostas, cujo mote aglutinador é a República a comemorar o seu primeiro centenário.

A começar com o Dia Aberto nas diversas faculdades, este 1 de Março tem na sessão solene comemorativa do 720.º aniversário da Universidade de Coimbra o seu mais significativo momento.

Marcada para as 15H00, no auditório da Reitoria, a sessão tem início com a intervenção do reitor Fernando Seabra Santos, seguindo-se duas iniciativas marcantes: a en-



DB-LUIS CABREÇA

trega do Prémio Universidade de Coimbra 2010, atribuído ex-aequo a duas personalidades da área cultural – o escritor Almeida Faria e o cineasta Pedro Costa –, e ainda a entrega do Prémio Bluepharma/UC. Irá seguir-se a habitual homenagem aos professores e funcionário aposentados, bem como aos doutorados em 2009. A encerrar a sessão solene, será apresentado o n.º 7 da revista Via Latina, um projecto da Secção de Jor-

nalismo da AAC.

Com a sétima edição do Prémio Universidade de Coimbra a ser atribuído ao romancista, ensaísta e dramaturgo Almeida Faria e ao cineasta Pedro Costa, o que o júri pretendeu foi, sobretudo, distinguir dois olhares profundos e perscrutadores sobre Portugal e os portugueses, ainda que sem o reconhecimento público devido à importância das suas obras.

L.P.

Semana da UC
abre ao som de
Pinho Vargas

› PÁGINAS 4 E 5